

Vida e morte seringueira

A reportagem de Zuenir Ventura sobre Chico Mendes que apresenta como principal objetivo traçar a biografia do líder amazônico.

“*Nunca um tiro dado no Brasil ecoou tão longe – até hoje*”. O jornalista Zuenir Ventura, logo no primeiro capítulo do livro *Chico Mendes. Crime e Castigo*, deixa evidente a importância do seringueiro, ambientalista, e considerado herói das florestas, Chico Mendes. Além disso, temos a certeza do peso que sua morte representou não só para o Acre, onde vivia e atuava, mas para todo o Brasil e com reflexos também no exterior.

O assassinato do líder sindical foi repercutido em diversos países, entre eles os EUA, onde Chico Mendes já estivera denunciando que investimentos externos estariam ajudando no desmatamento de áreas florestais. A luta de Chico, assim como de outros companheiros, era contra interesses de fazendeiros, a favor dos direitos dos seringueiros e da defesa do meio ambiente.

Zuenir conseguiu escrever uma reportagem que aborda diferentes personagens totalmente inseridos na história pessoal de Chico, principalmente no momento de sua morte. Entrevistas com os suspeitos de seu assassinato (o fazendeiro Darly Silva, e seus filhos Darci e Oloci), com testemunhas, com sua esposa e companheiros de luta. Todos os depoimentos nos levam a conhecer mais sobre o líder e suas ações. Detalhes de seu comportamento ficam evidentes na fala de sua esposa Ilzamar (que até se queixa de seu machismo). Mary, antropóloga amiga do seringueiro, é outra personagem abordada que leva o leitor a entender mais sobre o contexto social e histórico em que Chico está inserido.

Percebemos que, apesar de o livro ser uma reportagem, todos os aspectos abordados levam à produção de uma biografia sobre Chico Mendes. Mesmo o tema envolvendo um assassinato ser pesado, a leitura flui, uma vez que diferentes estilos - diálogos, trechos de anotações de Zuenir sobre suas impressões de Xapuri, a cidade de Chico, matérias relatando o julgamento dos acusados de assassinato-, são misturados, dando origem à formação, na cabeça do leitor, do que Chico representou.

Por tais características abordadas é que podemos inserir o livro no chamado “novo biografismo” abordado por Walnice Galvão, professora de literatura da USP. Surgido nos anos 70, o novo modo de escrever biografias levaria em consideração o interesse que os personagens representam na história do Brasil e a defesa de causas libertárias. O livro sobre Chico Mendes não poderia se encaixar melhor nestes requisitos. Walnice ainda aborda a identificação entre a experiência do autor e a vida do biografado: “*os autores escrevem sobre vidas que lhes são próximas e com as quais se identificam*”. Mais uma vez podemos aplicar o conceito de novo biografismo ao livro de Zuenir, uma vez que o próprio autor acredita que é impossível ser objetivo, imparcial, distante do biografado.

Estar na terra de Chico, próximo dos familiares, dos amigos, das causas pelas quais ele lutava explicam o porquê da inevitável mistura entre a vida do biógrafo e de seu biografado. O assassinato do líder foi o ponto inicial da reportagem de Zuenir, mas o foco principal é o protagonista Chico, em uma biografia entrelaçada pelos aspectos que mais representaram sua vida.

Assim como muitas biografias, a história de Chico Mendes serviu de inspiração para um filme e recentemente, para um seriado na TV. Mais uma característica marcante do novo biografismo está presente, a mistura entre o objetivo e a ficção. Ainda de acordo com Walnice: *“Essas narrativas não se transformam propriamente em ficção, mantendo uma voz mais objetiva, mais próxima do jornalismo. Entretanto tais livros são bem menos sisudos que as biografias oficiais.”*

Em 1988, aos 44 anos, Chico foi assassinado. O andamento do processo e o desenrolar do julgamento foram acompanhados por Zuenir. O livro foi dividido em três partes – na primeira viagem do jornalista, em 1989, no ano seguinte, para acompanhar o julgamento e quinze anos depois, em 2003 – e é dentro de cada uma que vamos delineando o perfil de Chico. O jornalista pesquisou a fundo todos os aspectos envolvidos no caso e delineou o perfil do líder dos seringueiros que é reconhecido até hoje. Prova disso são as palavras de Zuenir: *“Chico Mendes acertou quando anunciou que ia ser morto, mas errou ao achar que sua morte poderia ser inútil”*.